

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



SUMÁRIO



Kaspar Hauser e o deciframento do mundo.....	11
Signo, significação e realidade.....	17
O triângulo de Ogden e Richards e a significação linguística.....	21
Outros triângulos e o descarte do referente “extralinguístico”	27
A semiologia nas malhas do triângulo de Ogden e Richards.....	33
A modelagem linguística do universo.....	39
A captura do referente.....	45
Práxis, referente e linguagem.....	53

Corredores isotópicos e estereótipos.....	59
Semiose não verbal e pensamento visual.....	65
Língua e reprodução da práxis.....	77
Língua e subversão da práxis.....	85
Notas.....	89
Referências bibliográficas.....	93
O autor.....	95

KASPAR HAUSER E O DECIFRAMENTO DO MUNDO



De onde veio Kaspar Hauser?
Quem matou Kaspar Hauser?

Tais perguntas poderiam justificar *O enigma de Kaspar Hauser*, título brasileiro do filme *Jeder für sich und Gott gegen alle* (1974), do cineasta alemão Werner Herzog. E a verídica e obscura personagem tem, de fato, uma história enigmática que pode atizar a curiosidade “detetivesca” do espectador: criado em um sótão, sem nenhum contato humano até os 18 anos, Kaspar Hauser aparece em Nurembergue, por volta de 1828, com uma carta em que há referências à sua misteriosa ori-

gem; acolhido na casa do criminalista Feuerbach, é assassinado em 1833, mas o crime nunca foi esclarecido. O segredo de Kaspar Hauser resistirá à dissecação de seu cadáver e até mesmo à retaliação de seu cérebro, considerado “esquisito”: depois do minucioso exame, os pontificais cientistas – parece que saídos do quadro *A lição de anatomia do Dr. Deymann*, de Rembrandt – ordenam que o atento secretário anote, no relatório médico, a observação de que a causa do estranho comportamento de Kaspar Hauser deve ser atribuída à deformidade de seu cérebro. Com tal conclusão, o obediente secretário retira-se eufórico, proclamando a perfeição e a beleza do relatório. Mas... será mesmo esta a causa das “esquiritices” desse misterioso indivíduo? Esse final de filme não deixa de ser decepcionante e o enigma muito pouco atrativo para aqueles que, seduzidos pelo título brasileiro, foram ver o filme guiados pela narrativa clássica das novelas policiais.

Mas, se começarmos a “leitura” do filme pelo título original, perceberemos talvez que o melhor enigma é bem outro. Com efeito, *Jeder für sich und Gott gegen alle*, “Cada um por si e Deus contra todos”, é um antirrefrão que embaralha logo de início a óptica tradicional, plantada no senso comum da cultura ocidental.¹ Subversão de nosso aparelho perceptivo-cognitivo: este deve ser o eixo semântico a iluminar a significação mais profunda da história de Kaspar Hauser, vista por Herzog. De fato, pior do que os enigmas atirados ao espectador, é o estranho mundo em que se vê, de repente, plantado, atônito, perplexo, o próprio Kaspar Hauser. Seu olhar fixo diante de pessoas, ruas, casas, objetos, paisagens. Tudo assusta. As dimensões, os movimentos, a lógica, a perspectiva, o pensamento, a fala, o riso.

Figura 1 - Kaspar Hauser olha o enigmático mundo de Nurembergue (o ator é Bruno S.)



Divulgação.

Figura 2 - *A lição de anatomia do Dr. Deymann*, de Rembrandt (1656, Rijksmuseum, Amsterdam), lembra a dissecação do cadáver de Kaspar Hauser



Numa recepção mundana, põe-se a chorar e, depois, subitamente, retira-se para um aposento onde começa a tricotar. Qual o pássaro de Magritte, em *La grande famille*, uma galinha aparece-lhe descomunal e pavorosa.

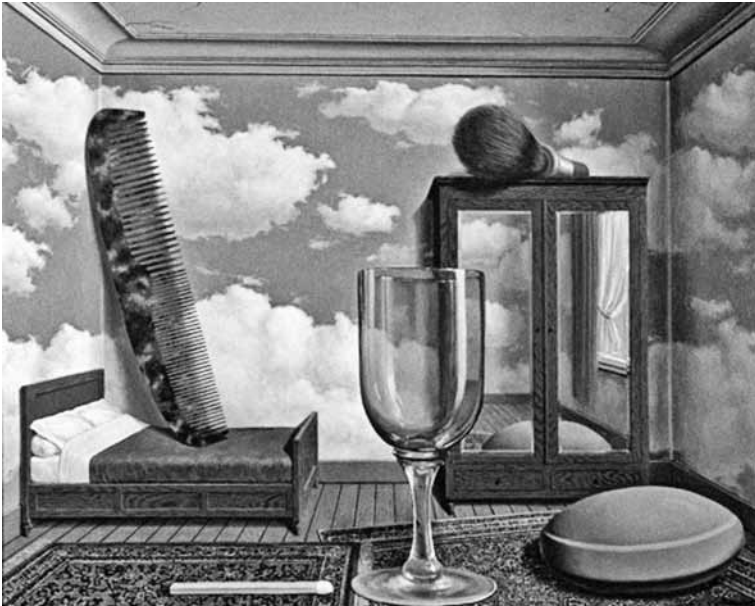
Figura 3 - R. Magritte: *La grande famille* (1947)



Tudo confuso, misturado, desproporcional. O quarto de Kaspar Hauser é maior do que a torre em que se encontra, maior do que a cidade, o mundo talvez. Vejo o filme de Herzog e ouço Bachelard: “O espaço habitado transcende o espaço geométrico”.²

E também compreendo as dimensões dos objetos de Magritte:

Figura 4 – R. Magritte: *Les valeurs personnelles*



Apesar de explicado pela linguagem, pelas palavras, por signos linguísticos, enfim, a paisagem em que foi colocado Kaspar Hauser permanece turva e indecifrável. Tão turva quanto as sombras que se movem nos desertos de seus pesadelos. Conhecer o mundo pela linguagem, por signos linguísticos, parece não bastar para dissolver o permanente mistério e a perplexidade do olhar de Kaspar Hauser. Talvez porque a significação do mundo deva irromper antes mesmo da codificação linguística com que o recortamos: os significados já vão sendo desenhados na própria percepção/cognição da realidade.

Kaspar Hauser: linguagem, mundo, realidade, percepção, significação, cognição... assim é que, procurando desvendar os enigmas do filme de Herzog, fui sendo levado, pouco a pouco, a revisitar um antigo e problemático tema, situado num entroncamento por onde passam a linguística, a semiologia, a antropologia, a teoria do conhecimento etc.: trata-se da relação entre língua, pensamento, conhecimento e realidade. Até que ponto o universo dos signos linguísticos coincide com a realidade “extralinguística”? Como é possível conhecer tal realidade por meio de signos linguísticos? Qual o alcance da língua sobre o pensamento e a cognição?

Figura 5 – “Cada um por si e Deus contra todos”
(*Jeder für sich und Gott gegen alle*): à direita, Kaspar Hauser, a caminho de Nurembergue, dorme exausto sob a vigilância de seu preceptor



Divulgação.